

## I - Introdução

Este trabalho tem por objectivo explorar até que ponto o Bem Estar Subjectivo e o Suporte Social são transversais entre gerações. Serão observadas, especificamente, três gerações: filhos, pais e avós.

A importância deste estudo advém do facto de observar até que ponto emoções positivas e negativas são transmitidas entre gerações e as suas repercussões nas gerações seguintes.

Dado que cada geração contém em si mesma uma especificidade e características únicas, a importância será focada na transmissão das emoções, pois cada um sente as emoções à sua maneira e tem uma visão própria do mundo que o rodeia e tenta sempre consciente ou inconscientemente passar à geração seguinte (família, valores, sonhos e ideais). O mesmo acontece com objectivos pessoais alcançados, ou não, ao longo da vida, podendo projectá-los de uma maneira mais ou menos evidente na geração seguinte. Pretende-se também relacionar a importância do suporte social com o bem estar subjectivo e verificar se este é transmitido intergeracionalmente.

O método de investigação utilizado é descritivo transversal de comparação intra familiar intergeracional, propondo-se o mesmo estudo em grupos idênticos, mas de três gerações diferentes (i.e. filhos, pais e avós) como forma de se poder comparar os reflexos ao nível do desenvolvimento de gerações sujeitas a variações de ordem sociocultural.

## 1. Enquadramento teórico

### 1.1. Emoções, perspectivas e teorias

Diversos são os estudos sobre as emoções e suas expressões, vários tipos de abordagens surgem na tentativa de as explicar, mas a sua complexidade é tão vasta e multifacetada como o próprio universo.

A palavra emoção, deriva da raiz etimológica latina “emovere”, significando movimento, comoção ou acto de mover (Beaumont, 2009). Conhecem-se teorias de base filosófica sobre emoção desde a Grécia antiga, nos trabalhos de Platão e Aristóteles que se debruçaram sobre essas formas de sentir humanas. Nos trabalhos de Descartes, Espinosa e David Hume, podemos assistir a uma complexidade gradual na teorização das emoções, chegando Descartes a identificar 6 tipos básicos (Oatley & Jenkins, 1998). Uma perspectiva evolutiva das emoções é-nos dada por Charles Darwin (1872), através dos seus famosos estudos e observações em seres humanos e animais. Considera as expressões emocionais como padrões de acção involuntários, elos de ligação com o nosso passado, reiterando um papel adaptativo fundamental na nossa espécie. Olhando as emoções sobre uma perspectiva fisiológica, Wiliam James refere que as alterações fisiológicas são a causa imediata para a emoção, sugerindo que o comportamento deve ser distinto da experiência emocional (Kagan, 1984). Esta perspectiva veio a ser complementada pelo psicólogo dinamarquês Carl Lange, propondo uma teoria similar à de James, fundando a conhecida Teoria James-Lange. Esta última e as suas derivações consideram que as emoções resultam de estados fisiológicos desencadeados por estímulos ou situações ambientais, em que uma situação nova conduz a uma alteração do estado corporal (Oatley & Jenkins, 1998).

Em contraposição a esta teoria, surge a perspectiva de Cannon-Bard, que defende a origem cerebral das emoções, afirmando que as respostas fisiológicas e as experiências emocionais ocorrem simultaneamente, isto é, o estímulo que dispara a emoção é conduzido simultaneamente para o córtex cerebral e sistema nervoso, tornando a emoção consciente e fisicamente sentida através das alterações corporais produzidas (LeDoux, 1996).

Visões mais cognitivistas sobre as emoções são dadas por Schachter e Singer (1962), considerando que as alterações fisiológicas são fundamentais na origem das emoções. Refere ainda que o contexto onde estamos inseridos, a interpretação que fazemos dos estímulos e das nossas emoções, ajudam-nos a diferenciar, a catalogar e a compreender o tipo de emoção sentida (LeDoux, 1996). Como complemento a esta teoria, Magda Arnold, introduz o conceito de avaliação do estímulo que causa a emoção, podendo ser considerado ou não como ameaçador. Esta avaliação é de carácter inconsciente, mas os seus efeitos são registados na nossa consciência como um sentimento emocional (LeDoux, 1996).

Robert Zajonc (1980), defende que a emoção tem primazia sobre a cognição, podendo existir antes desta, sendo possível criar preferências emocionais sem qualquer registo consciente dos estímulos, hipótese que foi testada através de apresentação subliminar (LeDoux, 1996). Estudos mais recentes sobre as emoções, elaborados por Joseph Le Doux e referidos na obra “O Cérebro Emocional”, apoiados na neurofisiologia, mostram-nos como as emoções operam num espaço psíquico e neurológico ao qual não existe um acesso imediato da consciência, realçando assim o seu carácter inconsciente, não podendo ser medidas através da linguagem ou da consciência (LeDoux, 1996).

Numa tentativa de diferenciação entre emoções e sentimentos, António Damásio (2003) realça que as emoções se encontram alinhadas com o físico, enquanto que os sentimentos estão alinhados com a mente, podendo os seres vivos reagirem emocionalmente a determinados objectos. Esta reacção é inata e pré-determinada pela evolução biológica, dado que as emoções foram construídas a partir de reacções simples, promotoras da vida do organismo (Damásio, 2003).

Considerando as referências teóricas acima descritas conclui-se que as emoções ocupam um papel central na vida do ser humano, e actualmente são um dos grandes objectos de estudo da Psicologia. Desde que o ser humano começou a olhar para dentro de si mesmo, tem questionado e procurado respostas para o porquê dos seus sentires e das suas emoções. Como resolveu então estudar algo que não se vê? Primeiro, tentando tornar visível aquilo que aparentemente não o era, através do registo e observação sistemática, como nos estudos realizados por Darwin ao tentar demonstrar que as expressões emocionais são uma prova da evolução humana, de cariz inato e adaptativo. A tentativa de diferenciar a emoção do

comportamento, através das alterações fisiológicas e distingui-lo da emoção propriamente dita, é defendida pelas teorias fisiológicas. Posteriormente surge a origem cerebral das emoções, segundo a perspectiva de Cannon-Bard, identificando trajectos emocionais e respostas instintivas perante estímulos ameaçadores, teoria que corrobora o carácter evolutivo e ancestral das emoções. A cognição sobrepõe-se à emoção nas teorias cognitivas, assentes nas perspectivas de James e seguidores, insurge-se a necessidade de avaliação dos estímulos para os considerarmos emocionalmente relevantes, ressaltando que podem ser de índole consciente ou inconsciente, sendo passíveis de serem considerados subliminarmente. Actualmente, surgem visões diferentes, Joseph Le Doux (1996) afirma que *“uma emoção é algo de diferente, algo mais. Uma emoção é uma experiência subjectiva, uma invasão apaixonada da consciência, um sentimento”*(p. 285) e olhando o sentimento, António Damásio tenta diferenciá-lo da emoção.

Ao reflectir sobre esta temática concluo: as emoções existem fora e dentro de nós, são física, psicológica e emocionalmente sentidas, mas de difícil definição dado o seu carácter subjectivo, pois cada um sente de maneira diferente e única. Somos fruto das emoções e a família é o nosso primeiro espaço e base emocional.

### 1.2. Família e laços emocionais

O significado da palavra família deriva da raiz etimológica latina "famulus", que significa "servidor". O seu sentido primitivo provém dos antigos romanos e simboliza reunião de escravos e criados. Conota a palavra com um conjunto de pessoas que vivem na mesma casa, parentes ou não (Lello, 1977).

Ao longo da história o conceito de família foi sendo alterado de acordo com o contexto socioeconómico, cultural e político. Na grande maioria das sociedades, o modelo de família vigente apresenta restícios do modelo da nuclear burguesa do sec. XVIII, em que a figura de autoridade é atribuída à parte masculina e a subordinação à parte feminina (Szymanski, 2002). Este modelo pode, no entanto, sofrer alterações de acordo com a influência cultural circundante do núcleo familiar (Edwards, 1970).

Ao abordarmos o contexto da família onde estamos inseridos, remontamos para o lugar onde nascemos, crescemos e morremos, ainda que nesse percurso possamos ir “angariando” mais do que uma família, devido às reconstituições que uma estrutura familiar pode sofrer, motivado por separações, divórcios ou morte de um dos seus elementos (Alarcão, 2006).

Num sentido mais lato, a família é um universo de interações, um microsistema segundo a visão de Urie Bronfenbrenner (1992), sendo que o ambiente onde se nasce e cresce influencia para sempre o desenvolvimento físico e psíquico do ser humano. A proximidade física, a linguagem, a comunicação e as relações interpessoais tornam-se privilegiadas e significativas na interação dos seus membros (Alarcão, 2006).

De acordo com a definição proposta por Jackson (1965), a família é uma unidade, um todo, uma emergência dos seus elementos, o que a torna única e num sistema cheio de especificidades. Gameiro (1992) por sua vez, caracteriza-a como uma rede complexa de emoções e relações, na qual se passam sentimentos e comportamentos que não seriam possíveis de ser pensados, caso o estudo fosse realizado com os instrumentos criados pela observação isolada dos indivíduos. A simples descrição dos elementos de uma família não serve para transmitir a riqueza e a complexidade desta estrutura (Alarcão, 2006).

Neste sentido, a família é um espaço de afectos, de vivências profundas, de filiação, de fraternidade, de amor e sexualidade, contendo cargas emocionais de índole positiva e negativa, que vinca a personalidade de quem dela faz parte, dando origem ao sentimento de pertença ou pelo contrário de desvinculação (Alarcão, 2006; Szymanski, 2002). É no seio familiar que começa a ser concebida a “cestinha dos afectos”, iniciando-se a sua formação ainda no ventre materno, através das emoções transmitidas pela mãe, sementes que posteriormente serão “regadas” por todos os outros membros da família. A estas sementes podemos chamar-lhes de “vinculação”, conceito introduzido por Klaus & Kennell (1976) que define o vínculo único, que nos acompanha ao longo da vida e vital na constituição da nossa personalidade. Na mesma linha, Robson & Moss (1970) propõe o conceito “*maternal attachment*” para realçar o modo de como a mãe entende o seu bebé e da posição essencial que ocupa na sua vida (Figueiredo, 2003). John Bowlby (1979) debruçou-se sobre esta temática, onde destaca a importância da vinculação como mecanismo de protecção, fonte de

segurança essencial à sobrevivência da espécie e de aprendizagem para lidar com o desconhecido, salientando numa marcante afirmação “*a psicologia e a psicopatologia das emoções é em grande parte, psicologia e patologia dos laços emocionais*”(p.130).

De acordo com os estudos desenvolvidos por Mary Ainsworth (1969), sobre padrões de vinculação, considera que o padrão entre a díade mãe-bebé está directamente relacionado com a qualidade da relação estabelecida. Assim sendo, uma mãe estável emocionalmente, irá transmitir esse sentimento ao bebé, dotando-o de uma segurança intrínseca, que mais tarde o tornará mais competente a nível emocional e social (Baptista, 2012 ; Ponte, Silva, Garotti & Magalhães, 2007). Situação similar surge quando uma gestante não pode descansar, se encontra sobre tensão ou mal nutrida. Estes desconfortos serão transmitidos para o feto, herdados emocionalmente no ventre materno, tornando-se por vezes inconscientes por serem de índole traumática (Falcone et al, 2005; Conde & Figueiredo, 2003; Pinheiro, 2008).

Apesar da vinculação ter grande peso na formação da personalidade do ser humano, nem sempre é a pedra basilar no bom ajustamento emocional da criança. Há que ter em conta uma multiplicidade de variáveis, tais como: o temperamento da criança, as especificidades familiares, económicas e sócio-culturais que afectam o modo como os cuidados são prestados, influenciando a organização do processo de desenvolvimento socioafectivo (Dionisio, 2004).

Outro aspecto a ter em consideração é a qualidade das relações conjugais e o seu impacto na vinculação, temática estudada por Frosch, Mangelsdorf & McHale (2000), concluindo que os casais que partilham emoções positivas nos seus casamentos, através de trocas afectivas satisfatórias, têm crianças emocionalmente seguras, capazes de expressar sentimentos adequados e de regular as emoções negativas no contexto relacional (Ponte et al, 2007).

De acordo com o referido anteriormente, podemos considerar que as emoções fazem parte do universo familiar e começam a ser transmitidas no ventre materno, sendo um contínuo assimilar após o nascimento. Ao referir o conceito de transmissão é importante perceber como é feita esta “osmose” de afectos, emoções e sentimentos dentro da família.

### 1.3. Transmissão geracional: transgeracional e intergeracional

Segundo a perspectiva freudiana, os filhos são considerados portadores de desejos não realizados pelos pais, logo, inconscientemente marcados por algo que não faz parte de si, mas de uma herança que lhes é transmitida. Este processo implica um mecanismo de identificação, alicerce das transmissões psíquicas entre gerações (Gomes, 2005). Na mesma linha, Kaes (1998) sugere que a transmissão dos conteúdos psíquicos da família é marcada no inconsciente de cada indivíduo. Esta marca fica “gravada” e é transmitida à nova geração, chamada de referência geracional. Assim, um desejo ou objectivo que o primeiro desejava alcançar e não sendo concretizado, vai projectá-lo no seu descendente devido à necessidade de ver a continuidade do seu sonho não realizado na trajetória da geração seguinte (Pinheiro, 2008). Este tipo de transmissão denomina-se por transmissão psíquica intergeracional e pressupõe um trabalho de ligações e transformações entre as gerações (Gomes & Zaneti, 2009). Nessa transmissão nem sempre os desejos de quem transmite vão ao encontro dos da geração seguinte, originando o “choque de ideais”, ou seja, um conflito entre duas ou mais gerações. Esta distinção de ideais, por vezes, degenera em conflito, estruturado nos anseios e receios do primeiro que tudo quer transmitir para o segundo, esquecendo-se que este último tem identidade própria e livre arbítrio sobre as suas próprias decisões (Gomes & Zaneti, 2009). Esta projecção inconsciente, assenta no egoísmo, no não reconhecimento ou aceitação dos desejos e sonhos do outro, tentando impor a sua vontade, até de modo autoritário, originando um condicionamento do segundo indivíduo, chegando a produzir sentimento de mal estar e frustração (Almeida, 2008; Pinheiro, 2008).

Ao considerar a dinâmica das relações familiares entre gerações, destaca-se o conceito de relações intergeracionais, termo oriundo da gerontologia social que comporta as interações entre filhos (menores e adultos), pais, avós e bisavós, podendo ser extensível até duas gerações de parentesco. As dinâmicas inerentes a estas relações variam consoante as suas características estruturais (e.g. o género, o estatuto sócio económico, raça ou estado civil) (Umberson & Slaten, 2000).

De acordo com o modelo proposto por Feinstein, Ducworth & Sabate (2004), a transmissão intergeracional influi no desenvolvimento da criança e no seu sucesso escolar, tendo como base o nível de educação dos pais, tornando-se um factor moderador na distinção entre classes sociais (e.g. maior escolaridade, maior estatuto socioeconómico).

De seguida, verifica-se que de acordo com o modelo proposto por Feinstein et al. (2004)(Figura 1) que esta abordagem baseia-se na perspectiva ecológica, considerando factores distais (i.e. estrutura e agregado familiar, estatuto socioeconómico) e proximais (i.e. estilos e comportamentos parentais), influenciam no desenvolvimento da criança.

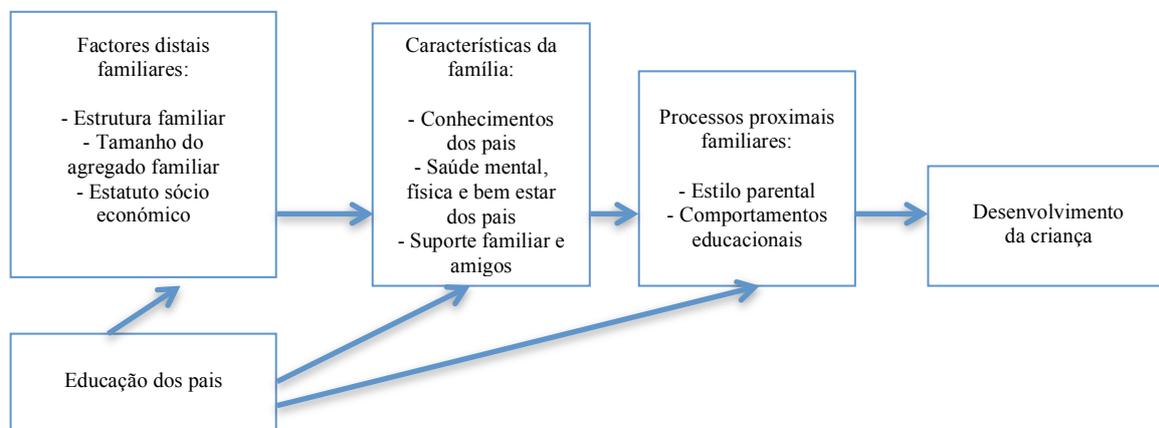


Figura 1 - Esquema conceptual sobre os efeitos mediadores da educação dos pais no desenvolvimento da criança (adaptado de Feinstein, Ducworth & Sabate (2004)

Processos familiares como a cordialidade, disciplina e comportamento educacional são factores relevantes, estando fortemente relacionados com características da família (i.e. conhecimentos dos pais, saúde mental e bem estar, suporte familiar e amigos) desempenhando um papel potenciador na transmissão geracional da educação. A mesma encontra-se directamente relacionada com cada um dos factores, facilitando a resiliência nas famílias perante situações de risco. Para além do contexto familiar, outros contextos relacionais como os de vizinhança, escolas e pré-escolas assumem importância para o desenvolvimento da criança, enquanto canais de transmissão intergeracional de educação.

Assim, considera-se que existe uma transmissão efectiva de afectos e valores entre gerações, seja ela vista de modo transgeracional ou intergeracional, existindo sempre algo que

transportamos e reproduzimos na geração seguinte. Estes ensinamentos podem ser aceites, cultivados e interiorizados ou pelo contrário, originarem opiniões distintas, gerando um conflito entre gerações, onde cada elemento manifesta a sua razão, sentindo-a de forma única e individualizada. Ao analisarmos a transmissão geracional, devemos considerar todas as visões possíveis, dado que somos produto de um todo inesgotável de significados e contextos.

A família assume um papel de destaque, por ser a primeira referência afectiva, relacional e social que dispomos, mas ao alargarmos a nossa rede de relações (i.e. vizinhança, escola, comunidade), estas amplificam-se tornando-se redes afectivas de suporte, essenciais para o bem estar e desenvolvimento humano.

### 1.4. Bem Estar Subjectivo

A transmissão de afectos que este estudo pretende abordar, vai culminar no Bem Estar Subjectivo (BES), componente da Psicologia Positiva. O conceito de BES foi desenvolvido por Ed Diener (2000), aborda como as pessoas fazem o balanço da sua vida, com base numa avaliação subjectiva da qualidade da mesma, considerando afectos positivos e negativos (Diener, 2002; Passareli & Silva, 2007).

De acordo com a perspectiva deste autor, a subjectividade está relacionada com a experiência individual do bem estar, em que o mesmo não se define pela ausência de aspectos negativos em detrimento dos positivos (Diener, 2002). Estas avaliações subjectivas incluem reacções emocionais a eventos, tal como julgamentos cognitivos de satisfação e realização, tornando o bem estar, num conceito amplo, que abrange a experiência de emoções agradáveis, níveis baixos de humor negativo e alta satisfação com a vida. As experiências positivas incorporadas num elevado bem estar subjectivo são a parte central da Psicologia Positiva, porque tornam a vida gratificante, originando o almejado conceito de felicidade (Diener, Lucas & Oishi, 2005). O grande interesse sobre esta temática, surge um pouco por todo mundo por visões pró-materialistas e de índole individualista, mais focadas em assuntos relacionados com a qualidade de vida, do que com a prosperidade económica (Diener et cols., 2005). Estas suposições foram aprofundadas em diversos estudos realizados por Diener (2005), concluindo que o bem estar varia de acordo com o contexto cultural e sócio-

económico, dependendo se é valorizado culturalmente, e se o estatuto sócio-económico dos países for elevado, salientando que nos mais ricos as pessoas tendem a ser mais felizes (Diener et al., 2005; White, 2007).

Em suma, o bem estar é a essência da dignidade da vida, abrangendo todas as dimensões e reflectindo-se nela. É um conceito vasto devido a todas as suas implicações (humanas, culturais e sócio-económicas), mas também muito particular, pois tem por base os afectos individuais de cada ser humano.

### 1.5. Suporte Social

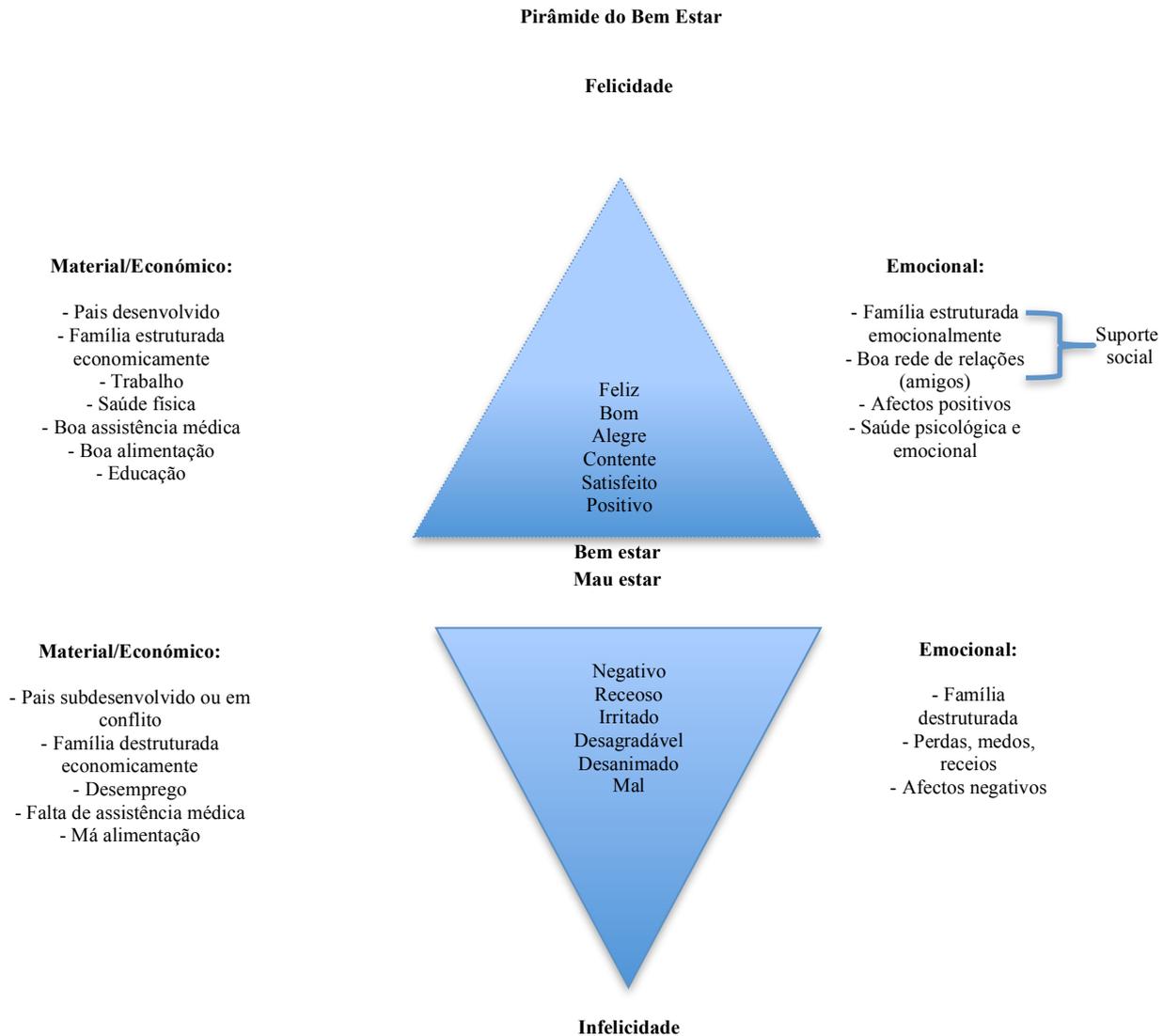
Aliado ao bem estar subjectivo também será analisado o suporte social, conceito essencial para a compreensão mais abrangente das interacções sociais no bem estar e saúde (Seidl & Tróccoli, 2006).

Sidney Cobb (1976) um dos autores pioneiros no estudo do suporte social, definiu-o como “*a informação que leva o indivíduo a acreditar que ele é cuidado, amado, estimado e que pertence a uma rede social com obrigações mútuas*” (p. 300). Neste sentido, os efeitos do suporte social levariam aos sentimentos de estima e pertença, e a uma rede social com direitos e deveres comuns. Este autor seleccionou estudos que demonstram os efeitos protectores do suporte social em situações promotoras de stress, tais como, divórcio, luto, desemprego e recuperação de doenças (Seidl & Tróccoli, 2006). Outra definição deste conceito é proposta por Sarason (1983) como “*a existência ou disponibilidade de pessoas, em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós*” (p. 127), pessoas estas que poderão fazer parte da nossa família ou não, mas que assumem total importância na rede de suporte afectivo de cada um de nós.

Cobb (1976) num dos seus artigos, destaca-se de outros autores ao referir que o suporte social começa no útero, como anteriormente referido sendo reconhecido no seio materno, e é comunicado de diversas maneiras. Seguidamente, o suporte social passa a depender em grande escala da família, alargando a sua abrangência a outros níveis relacionais, como a vida profissional ou social.

De acordo com esta opinião distinta, concluo que o suporte social se torna um conceito repleto de significados, é integrado e integrador dos vários sistemas (família, escola, trabalho, cultura) dos quais fazemos parte, sempre preenchidos por emoções e sentimentos de pertença, ou pelo contrário de desenraizamento.

## 1.6. Modelo estrutural proposto e hipóteses do estudo



A presente investigação é um estudo descritivo transversal de comparação intra familiar intergeracional entre três gerações, tendo como objectivo principal compreender a transmissão geracional do bem estar subjectivo e do suporte social (Schaie, 1996).

Neste seguimento, as hipóteses deste estudo são:

Hipótese 1: O bem estar subjectivo e o suporte social são transmitidos dentro da família (intrafamiliar).

Hipótese 2: O suporte social está relacionado com o bem estar subjectivo entre gerações (intergerações).

Hipótese 3: O estatuto sócio-económico está relacionado com o bem estar subjectivo e o suporte social, i.e., quanto maior o estatuto sócio-económico, maior o bem estar subjectivo e maior o suporte social.

## II - Método

## 2.1. Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 30 famílias, composta por três gerações (i.e. filhos, pais e avós), perfazendo um total de 90 indivíduos, com um intervalo de idades que variam entre os 11 e os 87 anos.

Na sua totalidade, esta investigação, como podemos observar através da análise do Quadro 2, conta maioritariamente com participantes do sexo feminino (Filhas=50%, Mães=66,7% e Avós=86,7%). No caso do estado civil, o mesmo varia consoante a geração, sendo a maior parte dos pais e avós casados.

Dados pessoais	Filhos (N=30)	Pais (N=30)	Avós (N=30)
<b>Idade</b>			
Mínimo	11	31	54
Máximo	18	57	87
Média	13,93	43,2	68,2
Desvio padrão	2,318	6,059	7,954
<b>Sexo</b>			
Masculino	50 % (n=15)	33,3% (n=10)	13,3% (n=4)
Feminino	50 % (n=15)	66,7% (n=20)	86,7% (n=26)
<b>Estado Civil</b>			
Solteiro	100%		3,3%
Casado		63,3%	46,7%
União de Facto		16,7%	6,7%
Divorciado		13,3%	20%
Viúvo			26,7%

*Quadro 1. Caracterização da amostra por gerações em função dos dados pessoais*

Quanto ao agregado familiar, a maioria dos filhos reside com os pais, cerca de 90% dos casos. No caso dos pais, 86,7% reside com os filhos, e 30% destes têm um agregado familiar de 3 pessoas. Relativamente aos avós, 63,3% reside acompanhado, destes 43% residem com o cônjuge, 30% reside com os filhos e 10% com os netos.

Para participarem neste estudo os indivíduos tiveram que obedecer a dois critérios de

inclusão: terem idade entre 11 e 18 anos e terem pai ou mãe, avô ou avó, ou seja elementos familiares de linhagem directa.

## 2.2. Instrumentos

Foi elaborado um questionário de auto relato de questões fechadas, dividido em três partes, composto pelas escalas de Escala de Bem Estar Subjectivo, pela Escala de Suporte Social e por questões demográficas.

A Escala de Bem Estar Subjectivo (EBES) foi originalmente desenvolvida por Diener, Emmons, Larsen & Griffin (1985), é composta por 17 itens e tem por objectivo avaliar afectos positivos (AP), afectos negativos (AN) e satisfação com a vida (SV) (Diener et al., 2010). A primeira parte da escala, é composta por 12 itens referentes a afectos positivos (e.g. Feliz) e negativos (e.g. Desanimado), nesta cada participante tem de responder como se sentiu ultimamente, obedecendo a uma escala de resposta tipo Likert de cinco pontos, sendo 1=Nunca, 2=Raramente, 3= Algumas vezes, 4=Freqüentemente e 5=Sempre. A segunda parte é composta por 5 itens que buscam avaliar julgamentos relativos à satisfação com a vida (e.g. “Se pudesse viver a minha vida de novo, não mudaria quase nada”), estes itens devem ser respondidos utilizando também uma escala tipo Likert que varia entre 1=Discordo totalmente, 2=Discordo, 3=Não concordo, nem discordo, 4=Concordo e 5=Concordo totalmente. A consistência interna obtida para a subescala de afectos positivos foi de 0,87, na subescala de afectos negativos de 0,81 e satisfação com a vida 0,87. No presente estudo foi de 0,91 ( $\alpha$  filhos= 0,85,  $\alpha$  pais= 0,92,  $\alpha$  avós= 0,87), na subescala de afectos positivos, 0,81 na subescala de afectos negativos ( $\alpha$  filhos= 0,69,  $\alpha$  pais= 0,89,  $\alpha$  avós= 0,81) e satisfação com a vida 0,84 ( $\alpha$  filhos= 0,86,  $\alpha$  pais= 0,78,  $\alpha$  avós= 0,79) para a totalidade da amostra.

A Escala de Satisfação com o Suporte Social, de Ribeiro (1999), é composta por 15 itens, que constituem um conjunto de afirmações referentes à satisfação individual com o suporte social existente. Como exemplo de uma das afirmações: “*Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria*” ou “*Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio*”. O participante deve assinalar o grau em que concorda com cada afirmação, utilizando uma escala tipo Likert, que varia entre 1=Discordo totalmente, 2=Discordo, 3=Não concordo,

nem discordo, 4=Concordo e 5=Concordo totalmente. A consistência interna obtida por Ribeiro (1999) da escala total é de 0,85 e no presente estudo foi de 0,88 ( $\alpha$  filhos= 0,78,  $\alpha$  pais= 0,84,  $\alpha$  avós= 0,79) para a totalidade da amostra.

Os dados demográficos dos participantes, compreendem a idade, sexo, situação profissional, estado civil, composição do agregado familiar, grau de escolaridade, fonte principal de rendimento, tipo de habitação e local de residência. Foi também utilizada a escala de Graffar para classificar o estatuto sócio económico dos participantes. Este instrumento foi originalmente criado pelo Professor Graffar e adaptado para a população portuguesa por Amaro (1990). É constituída por 5 critérios que caracterizam o estatuto sócio económico de cada um dos participantes, sendo os mesmos: a profissão, nível de instrução, fontes de rendimento, conforto do alojamento e aspecto do bairro habitado (Moniz, 2008). Para cada um destes parâmetros estão definidos cinco graus com os respectivos critérios de definição. O total de pontos é obtido pelo somatório dos graus registados, sendo necessário posteriormente fazer inversão dos pontos, de forma a fazer corresponder um maior estatuto sócio-económico a uma pontuação mais elevada (Moniz, 2008).

### 2.3. Procedimentos

Dado a especificidade da amostra, ou seja, reunir dados de três gerações de linhagem directa, a mesma foi conseguida através do efeito bola de neve. O termo linhagem directa refere-se à sequência geracional dos participantes (i.e. filhos, pais e avós). As escalas foram aplicadas apenas a jovens a partir dos 11 anos, por considerarmos que não se encontravam adaptadas a esta faixa etária.

Todos os questionários continham consentimento informado, onde é feita a referência da confidencialidade dos dados e a solicitação de honestidade das respostas, segundo as indicações éticas internacionais dadas pela American Psychological Association (2002) e nacionais dadas no Código Deontológico da Ordem dos Psicólogos (2011).

Os dados foram recolhidos entre Janeiro e Maio de 2012.

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com base no software SPSS (Statistical Packages for the Social Sciences) versão 18.0.

## III - Resultados

## 3.1. Análise descritiva do Estatuto Sócio Económico:

O Estatuto Sócio Económico (ESE) das três gerações foi classificado com base na Escala de Graffar, tendo-se considerado 5 critérios: a profissão, nível de instrução, fontes de rendimento, conforto do alojamento e aspecto do bairro habitado (Moniz, 2008). Para cada um destes parâmetros estão definidos cinco níveis com os respectivos critérios de definição, sendo o nível 1 o mais elevado e o nível 5 o mais baixo. No caso específico das profissões, para o nível 1 foram consideradas categorias profissionais referentes a cargos de direcção, profissionais com títulos universitários e licenciados e para o nível 5 foram consideradas categorias profissionais mais baixas como ajudantes de cozinha, empregadas de limpeza ou indiferenciada (Moniz, 2008).

Estatuto Sócio Económico	Filhos (n=30)	Pais (n=30)	Avós (n=30)
<b>Profissão:</b>			
Nível 1		20%	
Nível 2		13,3%	3,3%
Nível 3	3,3%	30%	3,3%
Nível 4	96,3%	20%	23,3%
Nível 5		16,7%	70%
<b>Escolaridade:</b>			
Licenciatura		23,3%	
Bacharelato		10%	6,7%
3º Ciclo	30%	46,7%	10%
2º Ciclo	70%	16,7%	56,7%
1º Ciclo		3,3%	
1º Ciclo incompleto			26,7%
<b>Fonte principal de rendimentos:</b>			
			3,3%
Lucros e heranças		3,3%	
Venc. mensal certo (superior a 4750€)	3,3%	73,3%	
Venc. mensal certo		6,7%	43,3%
Venc. incerto		10%	
Assistência/ subsídios			50%
Sem rendimentos (dependentes)	96,7%		

## A Transmissão Geracional do BES e do SS

<b>Tipo de habitação:</b>			
Luxuosa	3,3%	3,3%	
Espaçosa	63,3%	56,7%	36,7%
Modesta	30%	36,7%	60%
Degradada	3,3%	3,3%	3,3%
<b>Local de residência:</b>			
Muito bom	13,3%	13,3%	6,7%
Bom	70%	70%	63,3%
Razoável	16,7%	16,7%	26,7%
Mau			3,3%

### *Quadro 2. Caracterização da amostra por gerações em função do Estatuto Sócio Económico*

De acordo com a análise do Quadro 2, a maioria dos jovens é estudante (Nível 4 da Escala de Graffar) e 96,7% dependente financeiramente dos familiares, exceptuando-se um caso, que auferir vencimento mensal. Quanto ao tipo de habitação, 63,3% dos jovens caracteriza-a como habitação espaçosa e confortável e 70% considera bom o local da sua residência.

No caso dos pais, 73,3% dos casos tem um vencimento mensal certo. Relativamente, à profissão, 30% dos casos pertencem ao Nível 3 da Escala de Graffar, categorizadas como profissões técnicas (i.e. assistentes operacionais, ajudantes técnicos). Quanto ao tipo de habitação, 56,7% dos pais caracteriza-a como habitação espaçosa e confortável e 70% define como bom o local da sua residência.

Na última geração a ser caracterizada, os avós, a fonte de rendimento provém em 50% dos casos de assistência e subsídios, dado que 70% dos casos estão reformados. Quanto ao tipo de habitação, 60% dos avós caracteriza-a como habitação modesta, 63,3% considera como bom o seu local de residência.

Ainda referente ao Estatuto Sócio Económico, foi realizada uma comparação entre os valores médios do ESE dos Pais e dos Avós, verificando-se um ESE mais elevado nos Pais, de Nível 3, na Escala de Graffar correspondendo a uma classe social média. Neste caso, não foi considerado o ESE dos filhos, por serem maioritariamente dependentes economicamente dos seus familiares (Quadro 3).

	ESE Pais	ESE Avós
Média	2,71	3,51
Desvio Padrão	,63	,50
Mínimo	1,60	2,40
Máximo	3,80	4,40

*Quadro 3. Comparação entre o Estatuto Sócio Económico nas gerações Avós e Pais*

### 3.2. Associações entre Bem Estar Subjectivo, Satisfação com o Suporte Social e Estatuto Sócio Económico nas três gerações

Foi averiguada a existência de relações entre o Bem Estar Subjectivo, Suporte Social e Estatuto Sócio Económico nas três gerações através de uma análise correlacional que verifica o grau de relacionamento entre duas variáveis. Foi realizada uma análise do Coeficiente de Correlação de Pearson, em que a grandeza estatística deste coeficiente varia entre -1 (correlação negativa) e 1 (correlação positiva). Quando esta relação é positiva representa que quando uma variável aumenta a outra também aumenta. Um valor igual a zero significa que não existe relação entre as variáveis (Almeida & Freire, 2003).

	BES filhos	BES pais	BES avós	SSS filhos	SSS pais	SSS avós	ESE pais
<b>BES pais</b>	,52**						
<b>BES avós</b>	,37*	,33					
<b>SSS filhos</b>	,45*	,35	,37*				
<b>SSS pais</b>	,19	,53**	,14	,35			
<b>SSS avós</b>	,14	,20	,31	,16	,52**		

## A Transmissão Geracional do BES e do SS

<b>ESE pais</b>	-,04	-,17	,31	-,03	-,19	,09	
<b>ESE avós</b>	-,02	-,02	,09	-,24	-,25	-,25	,14

Nota: \*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ ; na diagonal inferior os valores são relativos ao BES, SSS e ESE das três gerações

### *Quadro 4. Correlações entre Escala de Bem Estar Subjectivo e Escala de Satisfação com o Suporte Social nas três gerações*

Assim, após análise do quadro de correlações (Quadro 4) onde se encontram os valores relativos à amostra das três gerações podemos observar que:

- (1) Existem relações positivas entre o BES dos filhos e o BES dos pais, e entre o BES dos filhos e o BES dos avós, sendo a correlação mais forte entre pais e filhos ( $r = ,52, p < ,05$ ).
- (2) Apresentam relações positivas o SSS Avós e o SSS Pais, valores que nos demonstram uma relação significativa entre a Satisfação com o Suporte Social entre estes membros da família.
- (3) Existem relações positivas entre SSS e o BES em duas gerações, i.e., entre o SSS e o BES dos filhos e o dos seus pais. A relação mais forte é entre o SSS e o BES dos pais ( $r = ,53, p < ,01$ ), o que nos indica que quanto maior a Satisfação com o Suporte Social nos pais, maior o Bem Estar Subjectivo.
- (4) Também se verifica que existe relação entre o BES dos Avós e o SSS dos filhos ( $r = ,37, p < ,05$ )
- (5) Quanto ao ESE, as associações entre o BES e SSS nas três gerações não apresentam relação significativa.

### 3.3. Exploração de diferenças do BES e SSS entre gerações e dentro dos membros da família (intrafamílias)

Para perceber as diferenças entre o Bem estar Subjectivo e a Satisfação com o Suporte Social entre gerações e entre os membros da mesma família, foi calculada uma ANOVA com medidas repetidas, com o desenho 3X2, contendo as três gerações em análise (filhos, pais e

avós). Esta analisa duas ou mais condições, o efeito dos factores (e.g. efeito geração) numa ou num conjunto de variáveis dependentes quantitativas (Pestana & Gageiro, 2008). Este efeito é verificado através do Quadro 5, que mostra o efeito do tempo entre gerações.

Gerações BES e SSS	Graus de Liberdade		F		Sig.		Eta parcial ao quadrado	
	BES	SSS	BES	SSS	BES	SSS	BES	SSS
Esferecidade assumida	2	2	5,67	54,11	,164	,000	,164	,66
Greenhouse-Geisser	1,9	1,71	5,67	54,11	,164	,000	,164	,66
Huynh-Feldt	2	1,81	5,67	54,11	,164	,000	,164	,66
Lower-bound	1	1	5,67	54,11	,164	,000	,164	,66
Erros								
Esferecidade assumida	58	56						
Greenhouse-Geisser	54,84	47,91						
Huynh-Feldt	58	50,72						
Lower-bound	29	28						

*Quadro 5. Análise dos efeitos do BES e SSS entre gerações*

Relativamente às diferenças entre gerações, os valores são significativos porque os níveis de Bem Estar Subjectivo e Satisfação como Suporte Social alteram-se entre gerações, i.e., existem diferenças nos níveis de Bem Estar Subjectivo e Satisfação com o Suporte Social, podendo variar de acordo com a geração (Quadro 5 e 6).

	Graus de liberdade	F	Sig.	Eta parcial ao Quadrado
Gerações BES	1,58	5,67	,006	,016
Gerações SSS	2,28	54,11	,000	,066

*Quadro 6. Análise das diferenças do Bem Estar Subjectivo e Suporte Social entre gerações*

Estas variações tornam-se mais evidentes ao observarmos o Quadro 7., verificando-se diferenças entre os valores das médias para cada geração, no caso do Bem Estar Subjectivo, o valor mais forte é o da G2 (pais) (M = 3,17 ; DP = ,06) e na Satisfação com o Suporte Social, a G1 (filhos) apresenta o valor mais elevado (M = 3,94 ; DP = ,48).

## A Transmissão Geracional do BES e do SS

	Média	Desvio Padrão
<b>Gerações BES</b>		
G1 (filhos)	3,03	,06
G2 (pais)	3,17	,04
G3 (avós)	2,97	,06
<b>Gerações SSS</b>		
G1 (filhos)	3,94	,48
G2 (pais)	3,24	,49
G3 (avós)	2,98	,41

*Quadro 7. Comparação das médias e desvio padrão do BES e SSS de cada geração*

Ao analisarmos os níveis de BES e SSS entre os membros da mesma família (Quadro 8), observamos que existem diferenças significativas nos três graus de parentesco, i.e., entre filhos (G1) e os pais (G2) e também entre os pais (G2) e os avós (G3). O valor mais forte é referente às diferenças entre o SSS dos filhos (G1) e pais (G2) ( $F(1,2)=46,24, p < ,001$ ).

		Graus de liberdade	F	Sig.	Eta parcial ao quadrado
Intrafamílias BES	G1 vs. G2	1	6,24	,018	,117
	G2 vs. G3	1	10,78	,003	,271
Intrafamílias SSS	G1 vs. G2	1	46,24	,000	,623
	G2 vs. G3	1	12,62	,001	,311

*Quadro 8. Análise das diferenças do BES e SSS entre os membros da mesma família (intrafamílias)*

Estes dados permitem-nos observar que os níveis de Bem Estar Subjectivo e de Satisfação com o Suporte Social variam entre filhos, pais e avós, não sendo transmitidos entre os membros da mesma família de modo homogéneo (Quadro 7).

#### IV - Discussão e Conclusão

A presente investigação teve como objectivo principal estudar a transmissão geracional do Bem Estar Subjectivo e do Suporte Social, tendo também sido pretendido perceber a relação do estatuto sócio económico com os mesmos nas três gerações analisadas. Com base nestes pressupostos foram elaboradas três hipóteses, contudo os resultados obtidos permitiram confirmar parcialmente duas destas.

Relativamente, à primeira hipótese referente à transmissão intrafamiliar do bem estar subjectivo e o suporte social é parcialmente confirmada. Os resultados evidenciam que o bem estar subjectivo e o suporte social estão presentes em todos os membros da família, mas que só é significativa a sua transmissão entre alguns membros da família, i.e, no caso do Bem Estar Subjectivo existe transmissão entre G1 e G2 (filhos e pais), e entre G3 e G1 (avós e netos). Quanto à transmissão do Suporte Social, esta só acontece entre a G2 e G3 (pais e avós), não sendo observada entre os restantes membros. Estas associações permitem-nos ressaltar que existem diferenças na transmissão intrafamiliar do Bem Estar Subjectivo e do Suporte Social, apresentando variações entre filhos, pais e avós. Estas diferenças podem ser causadas por questões de desenvolvimento, ou seja, ao observarmos famílias existem uma série de factores que poderão influenciar a transmissão de afectos, e.g., as diferenças de idade, de género ou os contextos relacionais onde os indivíduos estão inseridos. Não obstante que o contexto familiar, é um microssistema passível de sofrer alterações na sua estrutura, repercutindo-se as mesmas nos membros que o compõem (Alarcão, 2006; Szymanski, 2002; Umberson & Slaten, 2000).

A segunda hipótese sobre a relação intergeracional entre o Suporte Social e o Bem Estar Subjectivo nas três gerações não é também totalmente comprovada. Os resultados demonstram relações positivas entre duas das três gerações, i.e., entre o Suporte Social e o Bem Estar Subjectivo da G1 (filhos) e da G2 (pais). Também aqui surgem diferenças quanto à relação do Suporte Social e do Bem estar subjectivo entre gerações, alterando-se os níveis dos mesmos de acordo com a geração.

Estes resultados enquadram-se no modelo proposto por Feinstein et al. (2004), em que considera o bem estar, o suporte familiar e dos amigos como características familiares

determinantes na transmissão intergeracional da educação. Facto destacado por diversos autores que salientam e definem a importância que as redes de suporte afectivo assumem na vida de cada um, podendo melhorar substancialmente a saúde física e mental, a qualidade dos afectos e a satisfação com a vida (Cobb, 1976; Diener et al., 2010; Sarason, 1983).

De acordo com estudos anteriores que indicam uma relação entre o estatuto sócio-económico e a felicidade, salientando que nos países mais ricos as pessoas tendem a ser mais felizes (Diener et al., 2005; White, 2007). Com base nos mesmos, foi colocada uma última hipótese sobre o efeito do Estatuto Sócio-Económico no Bem Estar subjectivo e Suporte Social, i.e., quanto maior o Estatuto Sócio-Económico, maior o Bem Estar Subjectivo e maior o Suporte Social. Esta hipótese não foi corroborada, por não existir influência do Estatuto Sócio-Económico na relação entre o Bem estar Subjectivo e o Suporte Social. É de salientar que o Estatuto-Sócio Económico dos participantes foi caracterizado como pertencente à classe média, não existindo uma diversificação de classes sociais e respectivos estatutos sócio económicos, sem descurar o facto de Portugal não ser considerado um país rico.

Em suma, a transmissão intrafamiliar e intergeracional do Bem Estar e Suporte Social, não é feita de modo homogéneo, apresentando diferenças quer entre os membros que compõe uma família, quer entre gerações, salientando-se a ausência de relação entre o Estatuto Sócio Económico.

Um dos pontos fortes deste estudo foi ter-se debruçado sobre uma temática multifacetada e abrangente, a transmissão geracional de afectos, aspecto primordial e essencial no desenvolvimento humano. Tema que assume grande relevância na sociedade actual pelo ritmo acelerado a que se vive, esquecendo-se muitas vezes o que se transmite e como essa transmissão é feita. A compreensão deste processo é fundamental para a melhoria das redes afectivas e da qualidade de afectos a serem transmitidos nos contextos onde estamos inseridos, destacando-se a família como primeiro contexto relacional e afectivo, servindo de catalisador emocional para os seus membros.

O estudo desta temática assume a sua importância, ao aumentar os conhecimentos nesta área e permitir aos profissionais das áreas sociais, aconselharem e alertarem para a qualidade dos afectos e importância das respectivas redes de suporte social, essenciais ao ser humano e à sociedade.

Este trabalho contribui também para o aumento da literatura sobre o tema, que é diversificada mas pouco convergente, mostrando algumas abordagens que podem ser consideradas ao tratarmos a transmissão de emoções entre gerações.

A análise atenta deste estudo permite ainda identificar algumas limitações; antes de mais podemos referir o tamanho da amostra como uma limitação deste estudo, as dimensões da amostra deveriam ser maiores para o tipo e índole de estudo pretendido, que apesar de ser um estudo de carácter exploratório, com uma amostra maior e mais diversificada poderíamos retirar conclusões mais robustas. Outro aspecto a salientar foi a recolha da amostra, que devido à sua especificidade na linhagem directa dos participantes dificultou a sua recolha.

Quanto a sugestões para estudos futuros, o tamanho da amostra seria um dos aspectos a considerar, propondo-se não só o estudo de famílias de linhagem directa mas também de linhagem não directa. Outra sugestão, seria a utilização de um método de estudo longitudinal ou sequencial, com observações e medidas repetidas ao longo do tempo, de modo a poder verificar eventuais diferenças entre gerações. Quanto aos objectivos de estudo, poderiam ser considerados a influência dos estilos parentais e respectiva repercussão nas gerações.

Podemos então concluir que se torna essencial para a compreensão emocional do ser humano, o estudo destas matérias que envolvem a transmissão de afectos e os respectivos contextos onde decorrem, ou não fossemos nós seres emocionais e relacionais, em busca de respostas com o intuito de evoluir.

Bibliografia

- Albuquerque, S., Tróccoli, B. (2004) Desenvolvimento de uma escala de bem estar subjectivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, .20 (2), 153-164.
- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares* (2a ed). Coimbra: Quarteto.
- Almeida, S. (2008) A força do legado transgeracional numa família. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10 (2), 215-230.
- Cobb, S. (1976) Social support as moderator of live stress. *Psychosomatic Medicine Vol. 38*, (5), 300-314.
- Conde, A., Figueiredo, B. (2003) Ansiedade na gravidez: Factores de risco e implicações para a saúde e bem estar da mãe. *Psiquiatria Clinica*, 24(3), 187-209.
- Baptista, A. (2012) *O poder das emoções positivas*. Pactor: Edições de Ciências Sociais e Políticas Contemporânea, 45-52.
- Beaumont, R. (2009) *Developing the essential social skills to recognize, interpret, and respond constructively to emotions in yourself and others*. Retirado do endereço electrónico <http://www.emotionalcompetency.com>.
- Bowlby, J. (1979), *The making and breaking of affectional bonds*. New York: Brunner-Routledge, 130.
- Damásio, A. (2000) *Sentimento de Si*. Publicações Europa-América, 5ª edição.
- Damásio, A. (2003) *Ao encontro de Espinosa*. Publicações Europa-América.
- Diener, E.D., Emmons, R.A., Larsen, R.J. & Griffin, S. (1985). The Satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, vol.49, no.1, 71-75.
- Diener, E., Wirtz, D., Tov, W., Prieto, C., Choi, D., Oishi, S., Diener, R. (2010) New Well-being measures: Short Scales to Assess Flourishing and Positive and Negative Feelings. *Department of Psychology, University of Illinois*.
- Diener, E. (2002) Findings on Subjective Well-being and their implications for empowerment. *University of Illinois and the Gallup Organization*.
- Diener, E., Lucas, E., Oishi, S. (2005). Subjective well-being, The Science of Happiness and Life Satisfaction. Snyder, C. R., Lopez, S. L., In *Handbook of Positive Psychology*, 63-73. *Oxford University Press*.

Dionisio, M. (2004) *Rotas da vinculação: O desenvolvimento do comportamento interactivo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebé prematuro*. Tese de Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Edwards, I. (1970) *The Cambridge Ancient History*, Cambridge University Press, p. 400.

Feinstein, L., Duckworth, K., Sabates, R. (2004) A Model of the inter-generational transmission of educational success. *Published by: The Centre for Research on the Wider Benefits of Learning Institute of Education*.

Figueiredo, B. (2003) Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial da vinculação da mãe ao bebé. *Revista Internacional de Psicología Clínica y de la Salud*.

Freire, T., Almeida, L. (2003) *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Psiquilibrios.

Gomes, I. (2005) Transmissão psíquica transgeracional e violência conjugal: um relato de caso. *Boletim de Psicologia, Vol.LV*, 123, 177-188.

Gomes, I., Zaneti, S. (2009) *Transmissão psíquica transgeracional e construção de subjectividade: relato de uma psicoterapia analítica vincular*. *Psicologia USP, São Paulo, Janeiro/Março, 20 (1)*, 93-108.

Kagan, J. (1984) The idea of emotion in human development. Izard, C., Kagan, J., Zajonc, R. In *Emotions, Cognition & Behavior*, 38-71. *Cambridge University Press*.

Gomes, I., Zaneti, S. (2009) *Transmissão Psíquica Transgeracional e Construção da Subjectividade: Relato de uma Psicoterapia Psicanalítica Vincular*, *Psicologia USP, São Paulo, Janeiro/Março, 2009, 20(1)*, 93-108.

LeDoux, J., (1996) *O Cérebro Emocional*, Pergaminho, 1ª Edição.

Moniz, A. C. (2008). *Depressão e Factores Cronobiológicos*. Tese de Doutoramento apresentada à Escola de Psicologia da Universidade do Minho.

Passareli, P.M., Silva, J.A. (2007) *Psicologia Positiva e o estudo do bem estar subjectivo*. *Estudos de Psicologia, Campinas, 24(4)*, 513-517.

Pestana, M. H., Gageiro, J. N. (2008) *Análise de dados para Ciências Sociais, A Complementaridade do SPSS*, Edições Sílabo, 5ª Edição.

- Pinheiro, C. B. (2008) Heranças familiares: transfusão ou transformação. *Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Dr. Fernando Fonseca*.
- Pontes, F., Silva, S., Garotti, M. Magalhães, C. (2007) *Teoria do Apego: elementos de uma concepção sistêmica da vinculação humana*. Aletheia, 26, 67-79.
- Oatley, K., Jenkins, J. M. (1998) *Compreender as Emoções*. Instituto Piaget.
- Kaës, R. (2001). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Ribeiro, J.L.P. (1999), Escala de satisfação com o suporte social (ESSS). *Análise Psicológica*, 3 (XVII), 547-558.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: the social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44 (1), 127-139.
- Schaie, K. W. (1996) *Generational Differences*. Encyclopedia of Gerontology, 567-573.
- Snyder, C.R., Lopez, S. (2005) *Handbook of positive psychology*. Oxford University Press.
- Trachtenberg, A., Kopittke, C., Pereira, D., Chem, V., & Mello, V. (2005). *Transgeracionalidade: de escravo a herdeiro: um destino entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Umberson, D., Slaten, E. (2000) Gender and Intergenerational Relationships. Demo, D., Allen, K., Fine, A. (2000) *Handbook of family diversity*, 105-127. Oxford University Press.
- White, A. (2007) A Global Projection of Subjective Well-being: a Challenge to positive psychology?, *Psychtalk*, 56, 17-20.

Anexos

**Estudo sobre a transmissão de bem estar e suporte social  
entre gerações**

Este estudo insere-se no âmbito de um trabalho de investigação desenvolvido para a realização da dissertação de conclusão do Mestrado em Psicologia das Emoções no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

O tema é subordinado ao estudo comparativo entre três gerações (filhos, pais e avós) quanto à capacidade de transmissão de bem estar e suporte social subjacente.

Venho assim, através do preenchimento do questionário que se encontra anexado, pedir a sua colaboração.

A sua participação nesta investigação é completamente anónima e confidencial.

A investigadora,  
Sónia Robalo

---

**DECLARAÇÃO**

Declaro que me foram prestados todos os esclarecimentos que considerei importantes para decidir. Fui informado/a, especificamente, do objectivo, duração esperada, procedimentos do estudo, do anonimato e confidencialidade dos dados e de que tinha o direito de recusar ou cessar a minha participação, a qualquer momento, sem qualquer consequência para mim.

Deste modo, aceito participar na investigação acima referida

## Questionário

Por favor responda às seguintes perguntas, não existem respostas certas nem erradas. Deve assinalar a resposta fazendo um círculo em volta da opção desejada ou colocando uma cruz no respectivo quadrado.

**A. BEM-ESTAR.** Gostáramos agora que pensasse no que tem feito e vivenciado durante **as últimas 4 semanas**. Indique com que frequência experimentou cada um dos sentimentos descritos, assinalando a opção que melhor expressa sua opinião, de acordo com a escala.

1 Nunca	2 Raramente	3 Algumas vezes	4 Frequentemente	5 Sempre
1. Bem	1 2 3 4 5		7. Feliz	1 2 3 4 5
2. Receoso(a)	1 2 3 4 5		8. Irritado(a)	1 2 3 4 5
3. Contente/Satisfeito	1 2 3 4 5		9. Positivo(a)	1 2 3 4 5
4. Negativo(a)	1 2 3 4 5		10. Desanimado	1 2 3 4 5
5. Agradável	1 2 3 4 5		11. Desagradável	1 2 3 4 5
6. Mal	1 2 3 4 5		12. Alegre	1 2 3 4 5

**B. SATISFAÇÃO COM A VIDA.** Agora, são apresentadas algumas afirmações sobre a **satisfação geral com a sua vida**. Por favor, indique o seu grau de concordância com cada afirmação, de acordo com a escala.

1 Discordo totalmente	2 Discordo	3 Não concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo totalmente
1. Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se do que idealizo				1 2 3 4 5
2. As minhas condições de vida são excelentes				1 2 3 4 5
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida				1 2 3 4 5
4. Até agora, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida				1 2 3 4 5
5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não mudaria quase nada				1 2 3 4 5

**C. SATISFAÇÃO COM O SUPORTE SOCIAL.** Assinale, por favor, o grau em que concorda com as seguintes afirmações, de acordo com a escala.

1 Discordo totalmente	2 Discordo	3 Não concordo nem discordo	4 Concordo	5 Concordo totalmente
1. Os amigos não me procuram tantas vezes quantas eu gostaria				1 2 3 4 5
2. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com os meus amigos				1 2 3 4 5
3. Sinto falta de actividades sociais que me satisfaçam				1 2 3 4 5
4. Estou satisfeito(a) com a quantidade de tempo que passo com a minha família				1 2 3 4 5
5. Por vezes sinto-me só no mundo e sem apoio				1 2 3 4 5
6. Estou satisfeito(a) com as actividades e coisas que faço com o meu grupo de amigos				1 2 3 4 5
7. Quando preciso de desabafar com alguém encontro facilmente amigos com quem o fazer				1 2 3 4 5
8. Estou satisfeito(a) com a forma como me relaciono com a minha família				1 2 3 4 5
9. Não saio com amigos tantas vezes quantas eu gostaria				1 2 3 4 5
10. Estou satisfeito(a) com a quantidade de amigos que tenho				1 2 3 4 5

## A Transmissão Geracional do BES e do SS

11. Mesmo nas situações mais embaraçosas, se precisar de apoio de emergência tenho várias pessoas a quem posso recorrer	1	2	3	4	5
12. Estou satisfeito(a) com o tipo de amigos que tenho	1	2	3	4	5
13. Às vezes sinto falta de alguém verdadeiramente íntimo que me compreenda e com quem possa desabafar sobre coisas íntimas	1	2	3	4	5
14. Estou satisfeito(a) com o que faço em conjunto com a minha família	1	2	3	4	5
15. Gostava de participar mais em actividades de organizações (p. ex., clubes desportivos, escuteiros, partidos políticos, etc.)	1	2	3	4	5

**Idade:** |\_\_| |\_\_| anos

**Sexo:**  Feminino  Masculino

**Profissão:**

\_\_\_\_\_

**Estado Civil:** Solteiro/a  Casado/a  União de Facto  Divorciado/a  Viúvo/a

**Agregado Familiar:** Reside sozinho/a? Sim  Não

Se respondeu não, indique o número de pessoas e assinale respectivo grau de parentesco: \_\_\_\_\_

Avós  Pais  Irmãos  Tios  Cônjuge  Filhos  Netos  Sobrinhos

Escolaridade	Fonte Principal de Rendimento	Tipo de Habitação	Local de Residência
<input type="checkbox"/> Menos de 4 anos de estudo	<input type="checkbox"/> Assistência (subsídios)	<input type="checkbox"/> Habitação imprópria	<input type="checkbox"/> Muito mau (lugar impróprio para residir; bairro de lata)
<input type="checkbox"/> Entre 4 e menos de 9 anos de estudo	<input type="checkbox"/> Vencimento incerto, Remunerações ≤ smn* (menos ou € 485)	<input type="checkbox"/> Habitação degradada, com poucos recursos	<input type="checkbox"/> Mau (habitações ou bairro social com equipamentos e espaços circundantes degradados ou de baixo valor)
<input type="checkbox"/> Entre 9 e 12 anos de estudo	<input type="checkbox"/> Vencimento mensal certo	<input type="checkbox"/> Habitação modesta, bom estado de conservação	<input type="checkbox"/> Razoável (área urbana comercial ou área rural com casas e/ou acessibilidades pouco cuidadas)
<input type="checkbox"/> Bacharelato (curso médio ou técnico superior)	<input type="checkbox"/> Vencimento ≥ 10 vezes o smn* (€ 4750 ou mais)	<input type="checkbox"/> Habitação espaçosa e confortável	<input type="checkbox"/> Bom (área residencial com casas confortáveis e bem conservadas, com acessos cuidados e iluminados)
<input type="checkbox"/> Licenciatura ou mais	<input type="checkbox"/> Lucros, Heranças <input type="checkbox"/> Sem rendimentos	<input type="checkbox"/> Habitação luxuosa, com máximo de conforto	<input type="checkbox"/> Muito Bom (zona residencial elegante, boas acessibilidades)

\* salário mínimo nacional

Agradeço a sua colaboração!